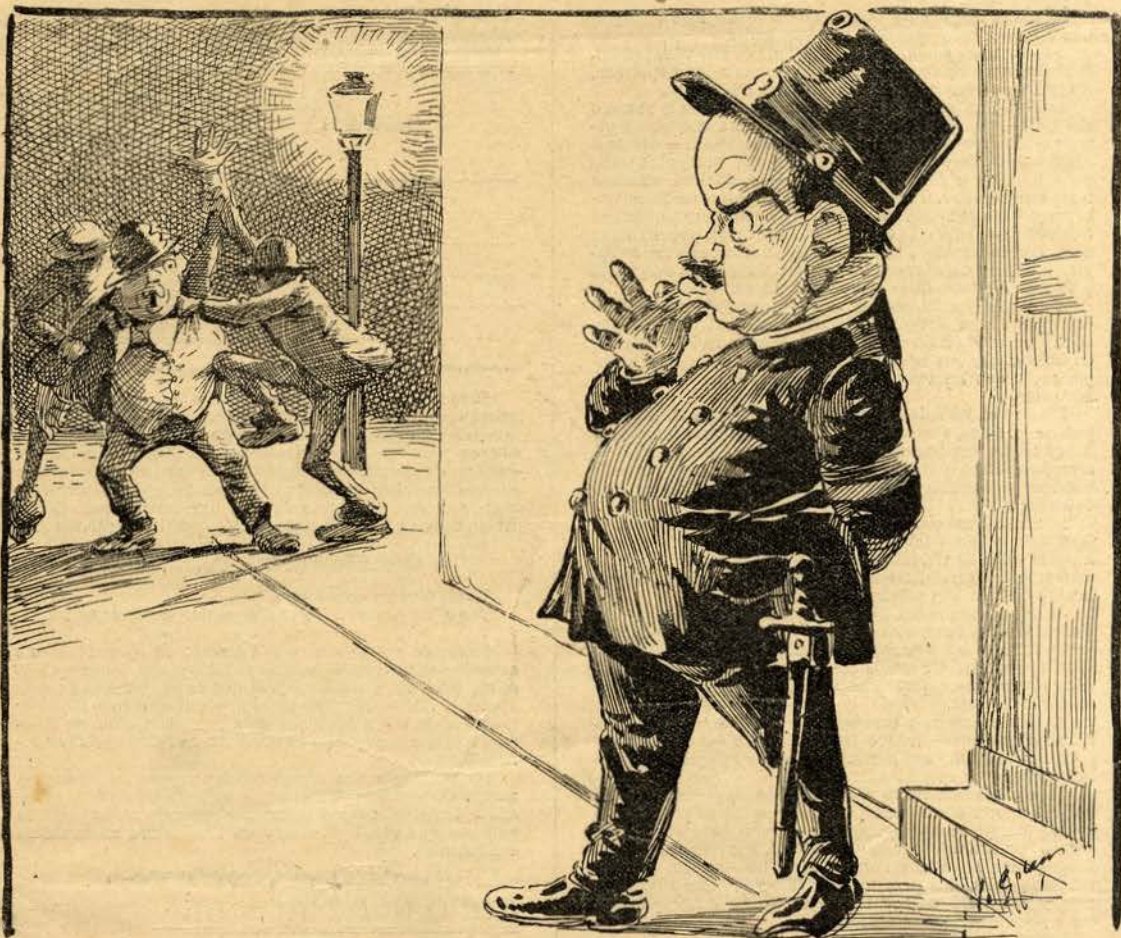




TO BE OR NOT TO BE



Ser ou não ser da privada de S. Ex.^a: eis a questão.

OUVE, ZÉ PALONSO...

Ora diz-nos cá, amigo Zé Palonso, o que te parece tudo isto que tens presenciado ha dois annos e meio de regimen salvador e luminoso?

Que te parece a *Paz e Amor, a Saude e Fraternidade, a Ordem e Trabalho, a Liberdade e Igualdade* que te annunciavam n'aquelles tempos ominosos em que eras *escravo*?

Vá, diz-nos, hoje que és *soberano e livre-pensador*, o que tens lucrado, que tal te sentes?

E' mais abundante a tua mesa, são menores os teus encargos, menos fatigante o teu trabalho, mais remunerados os teus salarios, mais barata a tua alimentação?

Tens mais liberdade, vês mais igualdade?

Anda, responde, desembucha! Que diacho, trinta mezes d'este, por ti, tão ambicionado regimen, já devem chegar para avaliarem das suas maravilhas—essas maravilhas que todos nós vimos gozando desde aquelle 5 d'outubro em que o sr. Machado Santos e o sr. Teixeira de Souza implantaram a republica.

Tu, Zé Palonso, que nos tempos da propaganda ficavas de bocca aberta e olhos esbugalhados ouvindo os idolos comiçeiros que te intrujavam com lóas, debes agora fazer o teu juizo seguro, a respeito d'essas *sinceras* alminhas que esmurravam o peito e arrepelavam a guedelha com gestos de Marats de pechisbeque.

Já n'esse tempo elles eram o que hoje são, mas tu, ceguiinho d'amores como andavas, não vias nada.

Não os vias, pobre idiota, como hoje os não vês tambem. E no emtanto evidenciavam já claramente a sua hypocrisia, como hoje evidenciam a sua ambição e cretinismo.

Lembra-nos perfeitamente d'um caso edificante passado em 1908—no auge da propaganda—n'uma cabeça de comarca proximo de Lisbon. Um dos teus idolos—dos teus *amigos sinceros*—tinha sido procurado por uma pobre velha para defender o filho, accusado de ter dado uma enxadada n'um companheiro. O sr. doutor acceitou a defeza mediante certo preço (cem mil reis), e no dia do julgamento compareceu no tribunal da villa. A mãe do rapaz, que nada mais possuia, além d'um misero casebre e seis palmos de terreno em volta, arranjou, á custa d'um emprestimo, metade da quantia estipulada pelo *grande amigo do povo* para defender o filho.

E quando o sr. dr. chegou, entregou-lhe tudo quanto tinha conseguido arranjar até aquelle dia (50 mil reis), promettendo, com o rosto banhado em lagrimas, pagar o resto até ao fim da semana, em que hypothecaria o casebrt para obter a importancia que faltava, para o pagamento ser completo ao advogado.

E sabes tu, Zé Palonso, o que respondeu esse altruista republicano, então, como hoje, um dos teus mais cotados idolos? Sabes o que respondeu esse teu defensor e amigo? Que se arranjasse como quizesse, mas se não lhe entregasse antes de começar o julgamento o dinheiro todo, se ia embora sem defender o filho!

E se não fôsse o *despotismo* d'um thalassa—um dos taes *jasuitas* que tanto odeias—que, condoído da angustia em que a pobre velha se via, lhe adeantou o dinheiro, o sr. doutor, o eminente democrata, o teu valioso *amigo e defensor*, ter-se-hia ido embora sem entrar no tribunal!

Já assim eram então, Zé Palonso, mas tu rouquejavas atraz d'elles vivorio farto, escancarando as guelas com guinchos jubilosos. Mas ouve o resto da historia. Os republicanos da villa, aproveitando a estada do eminente orador na localidade, convidaram-no para a noite fazer uma conferencia no centro lá da terra.

S. Ex.^a acceitou, e com o maior desplante atirou-se aos monarchicos que—dizia o fraternal varão—*exploravam o povo, sugando-lhe até aos ultimos cinco réis para as suas bambochatas de libertinos*.

Tu, Zé Palonso, rubro d'entusiasmo, applaudiste phreneticamente; e o sr. doutor, bem enroupado no seu felpudo casaco, dirigiu-se em seguida por entre as tuas reverencias para o seu luxuoso automovel, onde... a amante de S. Ex.^a o aguardava envolta em sedas e rendas—rendas e sedas de preço sufficiente para matar a fome dos teus filhos um mez. E lá seguiu estrada fóra o accusador dos exploradores e libertinos... monarchicos!

Eram assim já no tempo da propaganda!

Hoje... Ora, o que quererias tu que elles fôsem hoje, que teem a faca e o queijo na mão?!

ARCHIVO SENSACIONAL

GALERIA DOS ADHESIVOS

A TODOS OS NOSSOS LEITORES



Sendo de grande conveniencia historica, além de representar uma merecida homenagem, archivar em galeria reservada os nomes de todos os *adhesivos* que existem no paiz, *O Thalassa* abre hoje nas suas columnas esta nova secção, para a qual pede o concurso de todos os seus leitores, que deverão enviar a esta redacção, devidamente preenchidos soboletins para a *Galeria dos Adhesivos*, conforme o modelo seguinte:

chidos soboletins para a *Galeria dos Adhesivos*, conforme o modelo seguinte:

Districto de

Concelho de

Freguezia de

Nome dos adhesivos	Partido ou partidos em que militava no tempo da monarchia	Partido ou partidos onde passou a militar depois de 5 d'outubro de 1910

Facilmente se comprehende quanto este archivo terá de sensacional e o seu altissimo valor como documento ilucidativo para a historia, e por isso esperamos que todos os nossos leitores, tanto do continente como das ilhas e colonias, nos prestem o seu auxilio enviando a *O Thalassa*, na conformidade do modelo acima indicado, os nomes de todos os *adhesivos* que antes de 5 d'outubro de 1910 tivessem militado d'uma forma ostensiva nos diversos partidos politicos da Monarchia.

À GALERIA DOS ADHESIVOS!

Todos devem concorrer!

Todos os nossos leitores devem mandar boletim!

Sendo de prever um grande numero de respostas a este sensacional archivo, os boletins da *Galeria dos Adhesivos* irão sendo publicados conforme a ordem da sua entrada durante 3 mezes, findos os quaes se fará um apuramento final por ordem alfabetica dos districtos e concelhos, a fim de ficarmos com um *recenseamento completo da adhesivagem nacional*.

Da probidade dos nossos leitores esperamos só enviem nomes de pessoas que realmente sejam comprovados *adhesivos*, devendo comprehender-se n'este caso *unicamente* os politicos que até 5 d'outubro de 1910 foram monarchicos combatentes.

ATÉ O NOME INFECTA!

Um pobre homem, completamente embriagado, que, ha dias, no Porto, deu um viva ao sr. Brito Camacho, foi logo atacado de uma laryngite infectiosa. O seu estado é gravissimo.

NORTADAS

Flores no Banco de Portugal

Quem hontem entrasse n'este Banco a fazer as suas transacções commerciaes decerto traria uma agradável impressão, pois todas as repartições, inclusive a sala da direcção e conselho estavam adornadas com flores artisticamente colocadas nas carteiras dos empregados.

E' um exemplo digno de ser imitado pelas outras casas bancarias, que assim provarão o seu culto pela flôr.

A direcção do Banco de Portugal mostrou-se satisfeita com o procedimento dos empregados. As flores dão sempre alegria onde quer que estejam, e muito mais n'um estabelecimento bancario, em que prevalece a monotonia.

(Do Diario de Noticias).

Isto vai bem, muito bem,
Nunca mesmo pode ir mal,
Desde que temos as flores
No Banco de Portugal.

O Banco não é jardim
De conquistas, de recreio,
E o pobre Zé, co'a noticia,
Diz-nos assim com receio.

Que diabo! Haverá sinistro?
De rosas fartura tanta!
Faz-me lembrar a inversa
Da nossa Rainha Santa!

D. Pengrenellas.

TEM RAZÃO

O sr. Affonso Costa disse ha dias que os jornalistas eram estupidos. Claro está que s. ex.ª admite as excepções, confirmadoras de todas as regras.

De facto, nenhum melhor do que o illustre presidente do ministerio o pode dizer. Se não fôr a enormissima estupidez de certos jornalistas, quem haveria n'esta abençoada terra que fôsse capaz de fazer ao sr. Affonso Costa o reclame que o elevou á altura em que se encontra?

Evidentemente o chefe do governo fallou como um livro aberto; apenas foi ingrato porque não é essa a maneira como se agradece a algum dos serviços que nos prestaram, embora para isso tivéssemos pago.

Oh! ingratião humana!

ATÉ PARECE IMPOSSIVEL!

Ora quem *havera* de dizer ao heroe da Rotunda n'aquella tarde em que, como o bom sapateiro, levou a obra prompta a casa do freguez Theophilo, que trinta mezes depois havia de vêr a sua obra já com as gaspas todas rotas!
Defeitos do cabedal e da rizeja dos *pezes*, pois não é verdade?

SOLIDARIEDADE... "JORNALISTICA,,

E' verdadeiramente nauseante a attitudde de certas publicações, que se dizem jornalisticas, em face da aviltante perseguição de que tem sido victimas alguns dos periodicos que não vão no bote governamental. Essa ausencia completa de dignidade profissional marca a ferro e esigma da mais autenticca cobardia, se não a criminososa cooperação, d'algum modo, n'essa violencia, que indirectamente lhe vai encher as adufas sequiosas de moedas de dez riéis.

Repellido toda a solidariedade com taes vilhões, aqui protestamos vehementemente, mais contra essa attitudde hypocrita, do que propriamente contra as violencias de quem pode, porque essas estão por si mesmo condemnadas. E aos nossos collegas perseguidos a saudação da mais estreita camaradagem.

PLEBISCITO

QUAL É O PARLAMENTAR MAIS "NONES,,"?

Submettendo a massa encefalica do senador dr. Elísio de Castro ao raio X da minha intelligencia e attendendo a que o dr. *arriba* d'isto é quem dá o almirar para berrar no parlamento, voto em S. Ex.ª, que é bastante «Nones» até certo ponto.

BERNARDINO D'AFFONSSIM.

Buscar um *nones* mais *nones* do que o proprio *Nones*, é ser mais papitas do que o proprio Papa.

FONSECA II.

Qual d'elles é o mais *Nones*?...
Eu digo-lhe já quem é...
E' o *Carcereiro-Mór*
C'o respectivo *boné*.

Dos *Nones* o pae legitimo,
Tronco, orgulho e bizzarria,
Nunca perde o seu lugar,
Que exerce com gallardia.

Dê-lhe lá pois o meu voto
Que nisso me torna ufano;
Pena é eu não ter dois
Que o outro dava-o ao mano.

Mas d'elles o mestre Affonso,
Que é seu dono e seu senhor,
E' forcoso ser eleito
Não menos de imperador.

THALASSITA.

PLUTÃO.



Escreve-nos um leitor muito admirado por o sr. Machado Santos usar o ultimo appellido tão reaccionario.

E' que o nosso leitor não repara que antes do Santos lá está o *machado* ameaçador. Se o ultimo appellido se fizer fino o antecedente avança logo e é um ar que lhe dá.

São muito previdentes os srs. republicanos. Olhe, o sr. Affonso Costa chamou-se assim desde pequenino só para poder ser o que é!

Diz-nos um *thalassa portuense* (deve ser boa pessoa) que está ancioso por gozar o sr. Antonio José no poder.

Deve ser bom, deve. Mas não lhe faz mal nenhum estar a aboborar mais algum tempo.

Na epocha de verão calha melhor porque é quando ha menos divertimentos.

Isto anda tudo muito bem combinado com as emprezas theatras para não fazerem mal uns aos outros.

Um diario republicano convida o sr. presidente da republica a dar por terminada a missão do actual governo e consultar os votos da Nação.

E depois digam que são os jornaes thalassas que pedem a restauração monarchica!

Consultar os votos?! Como se os republicanos se contentassem com as duas ou tres candidaturas que o suffragio lhe concedesse... no melhor dos casos!...

A proposito da coragem do rei de Hespanha, diz o chefe unionista que *superior á presença do espirito só ha a ausencia de corpo*.

Realmente assim é. E manda a verdade que se diga que, se em certos apuros revolucionarios o sr. Brito Camacho primou sempre pela ausencia do corpo, n'outras occasiões bem difficeis nunca tem negado a presença do mesmo.

O que já é uma compensação para a gloria e um prazer para o espirito.

Escreve-nos um *Cidadão de Braga* uma longa carta, a dizer muita coisa feia de tudo isto, muito rabioso, muito danado, muito *fozulta*. E depois de gastar duas folhas de papel a descompôr para a esquerda e para a direita (a thalassaria tambem apanha a sua conta, ao escapar), termina assim:

«Mas com mil diabos, o que tem feito esta gente de util? Apontem-me uma medida, uma só, de verdadeiro beneficio colectivo!»

Ora vamos lá, não seja maisinho. Que diacho de genio que o *Cidadão* tem!

Talvez quizesse a Páti por um vintem! Que exigente!...

ESTOCADA

O nosso Brito declarava ha dias muito ufano na *Luca* que só elle sabe escrever em termos correctos sem arrieiradas, dando como prova d'essa competencia, aliás só reconhecida pelo valeroso capitão e pelo seu *mais que tudo* João Accacio de Menezes, o nunca ter sido suspenso no tempo da dictadura de João Franco.

Olhe, sympathico pecego, aceitando esse seu argumento como bom, elle só prova que todas as outras suspensões no tempo da dictadura foram justas, e que os seus camaradas republicanos não sabiam escrever se não em *termos lacrosos com arrieiradas*.

Elles que lhe agradeçam a estocada.

FRAQUINHOS

Os orgãos governamentais andam muito afflictos a pedir ordem, paz e *fróternidade*.

Que é preciso unirem-se; que é preciso ter juizo; que é preciso abraçarem todos a mesma bandeira; que é preciso refrear odios e ambições, etc., etc. — dizem as conspicias gazetas.

Pois olhem, amigos, se é preciso tudo isso é porque vocês estão a sentir-se muito fracos das pernas.

Também não admira. Depois do uso que *Mes* tem dado... Era de prever.

ALTA FIGURAÇÃO

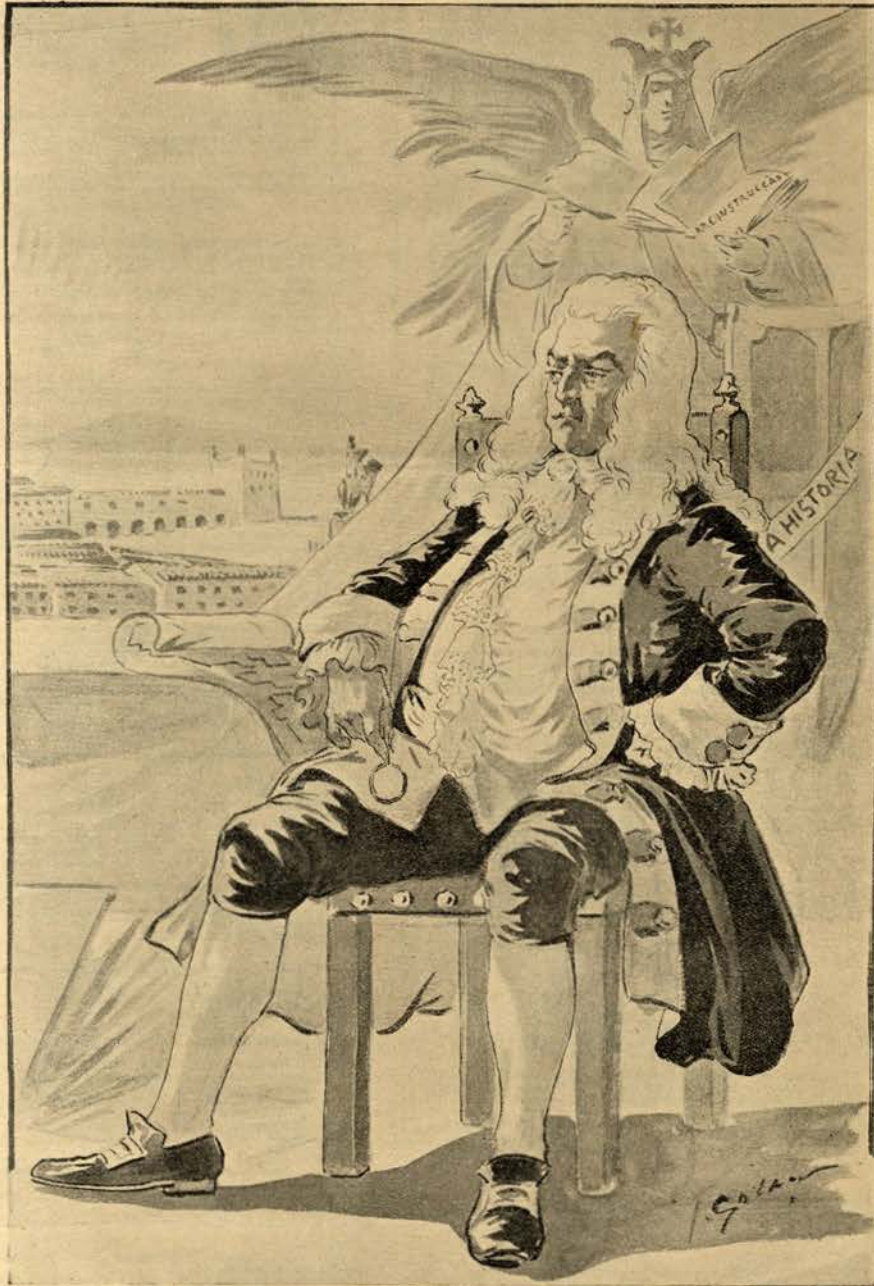
O caso promette. Referimo-nos ás declarações feitas pelo sr. Manuel Alegre no parlamento, a respeito do sr. Machado Santos.

Pelo que se tem apurado na imprensa, a peça mettia figuração alta e até algumas *estrelas* da actual companhia governamental...

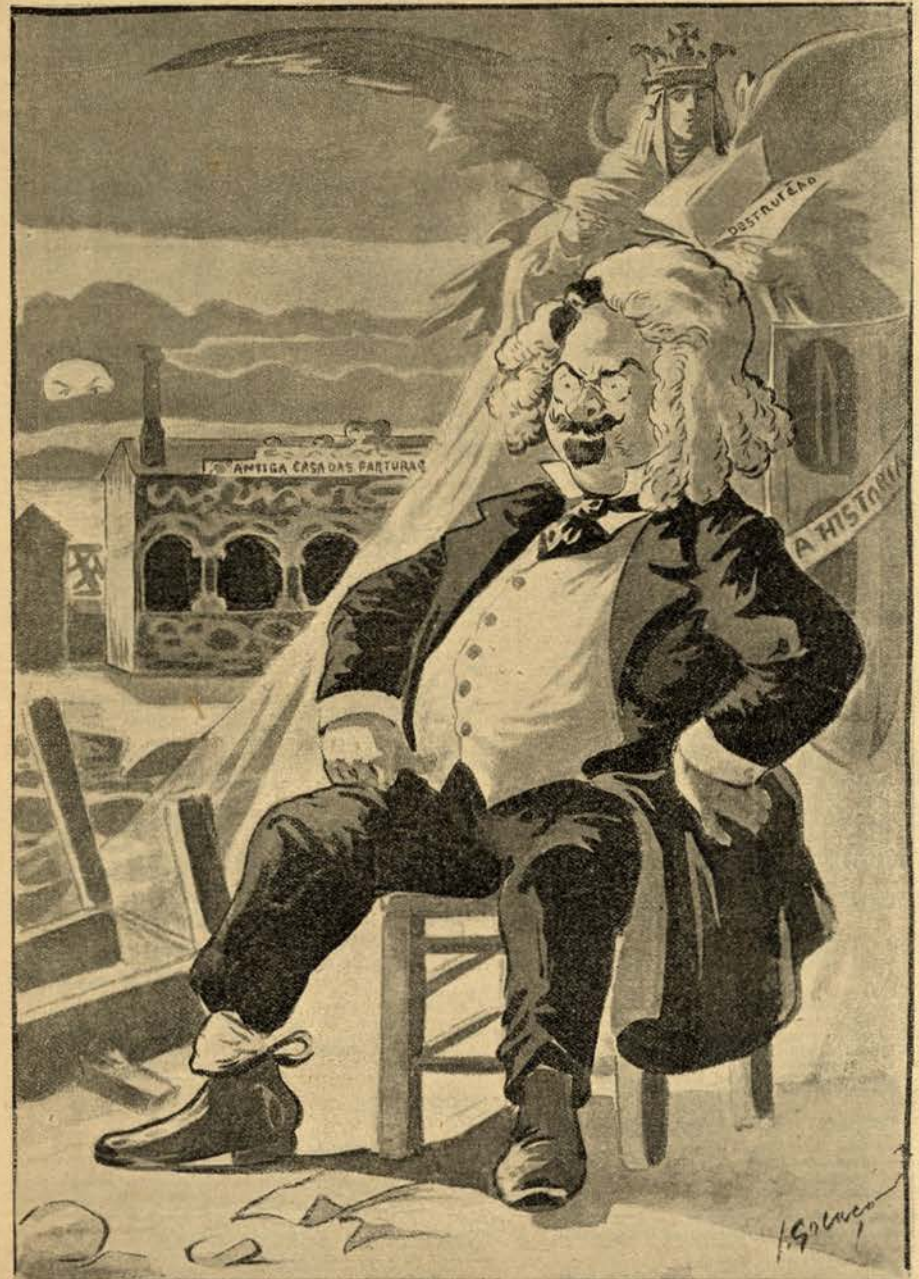
Vae tudo d'uma banda compadre, Affonso!

E a gente a gozar...

O GRANDE MARQUEZ



MUITO MAIS GRANDE...



Entre les deux notre cœur balance...

UM ESTADISTA

OUVINDO O SR. DR. ANTONIO JOSÉ

À chuva de molha tolos—O que pensa do sr. Theophilo—
Opinião sobre o governo—A coherencia de S. Ex.^a—A
lei da separação e os conspiradores—Plano governa-
mental—E' atheu

Uma entrevista com o sr. dr. Antonio José d'Almeida estava naturalmente indicada, desde o momento em que S. Ex.^a é o chefe do partido opositorista que tudo indica succeder no leme da governação publica ao actual gabinete do sr. Affonso Costa.

Inquirir sobre o plano de governo do sr. dr. Antonio José foi a missão que nos levou até junto do esperançoso estadista e fogoso tribuno, depois de previamente termos solicitado a honra da entrevista, com uma carta d'empenho do sr. dr. Theophilo Braga.

O chefe do evolucionismo accedeu galantemente; á hora marcada dirigimo-nos para a redacção da *Republica*. S. Ex.^a ainda não tinha chegado.

Uma chuva miudinha de molha tolos cahia impertinente do ex-cu pardacento, e apoz alguns minutos de espera surgiu o sr. dr. Antonio José completamente encharcado.



Arreliaados com aquelle contratempo, que julgavamos ir impedir-nos de ouvir o verbo inflamado do alegre homem publico, offercemo-nos carinhosos para ir buscar alcool, afin de friccionar as suas carnes arrefecidas pela chuva de molha tolos.

Mas o chefe evolucionista, recusando obsequioso os nossos modestos serviços, enverguo o fato do seu dedicado correligionario Americo d'Oliveira, que nunca se poupa a sacrificios pelo seu chefe, e em seguida recebeu-nos com o melhor dos seus sorrisos.

A porta do gabinete fechou-se e ficámos sós, defronte do assombroso politico.

Pela luz da janella coava-se uma claridade baça d'aquelle dia tristonho.

—O fim da nossa visita já V. Ex.^a sabe...
—começamos.

—Sim. O meu particular amigo Theophilo, disse-me na carta. E já que alludi ao antigo chefe do governo provisório, desejo accentuar-lhe a minha opinião sobre essa creatura intratavel, que tem corpo de minhoca e cabeça de vibora: admiro-o como homem e como politico e aproveito este ensejo para publicamente lhe prestar as minhas homenagens e o meu desprezo.

—Mas, não comprehendemos. V. Ex.^a acha-o intratavel e admira-o?

—E que tem isso? Eu felizmente prezo-me de ser sempre coherente.

Achámos melhor não insistir, e abordando directamente o assumpto que ali nos levava, rogámos ao sr. dr. Antonio José nos informasse sobre a sua attitude politica no presente, e o que tenciona fazer quando governo.

—Estou em franca e aberta opposição ao governo porque considero o gabinete da presidencia do sr. Affonso Costa como mais do que um perigo politico, porque representa um perigo nacional. Cada dia a mais que permanece no poder é um solavanco que soffrem as instituições, é uma machadada nas raizes da nacionalidade. E quem fór patriota e sinceramente republicano só tem um caminho a seguir: combater o governo para que nem mais uma hora elle conserve nas suas mãos inhaebis as reedeas da governação publica.

—Entende então V. Ex.^a que é nefasta a obra do actual governo...

—Mais do que isso. Perigosissima. E pela minha parte combato-o sem treguas como se tem visto com a minha attitude no parlamento. O momento é grave e por isso acho que derrubar o governo será perigoso...

—Mas V. Ex.^a disse ha pouco que...

—Sei muito bem o que disse, meu amigo. Por isso a minha attitude deve ser coherente. Não, isso nunca: sacrificar os superiores interesses da Patria e da Republica a uma ambição partidaria e mesquinha, é criminoso, é réles. O governo actual tem condições para governar, e, embora discorde dos seus principios partidarios, entendo que a sua permanencia no poder impõe-se, sendo falso republicano e falso patriota quem pretender abreviar, um dia que seja, a sua sahida.

—Entende então V. Ex.^a que é util a estada do sr. Affonso Costa no poder?!

—Mais do que isso. Absolutamente necessaria. E pela minha parte tenho-o demonstrado na imprensa. A situação é perigosa para a politica de campanario e violencias que o sr. Affonso Costa está fazendo, e não consentirei com o meu voto que elle continue governando...

—Porém ha pouco V. Ex.^a disse o contrario...

—E repito. Felizmente a minha coherencia não admite sophismas de qualquer especie.

—E sobre o seu futuro plano de governo...

—Como certamente comprehende, só lhe posso dar as linhas geraes. Revisão completa e detalhada da lei da separação, que reputo o mais novo diploma que a republica tem decretado. A religião é uma força e impossivel é destrui-la. Retocando portanto li-

geiramente algumas escabrosidades da lei que separou as Egrejas do Estado entendo que ella deve manter-se integra porque representa o mais forte padrão das novas instituições.

—Ora essa! Porém V. Ex.^a disse ha dois minutos...

—Pois disse. E por isso, logo que assumo o poder, repararei a triste situação do clero espoliado pelo sectarismo do sr. Affonso Costa, obrigando esses disarçados agentes do jesuitismo a manterem-se na ordem. Porque é preciso notar: a religião é só hoje abraçada por uma minoria, e quem pretender destruir essa secular tradição, que se acha ainda enraizada na alma da maioria do povo portuguez, tentará uma loucura que pode ter graves consequências. Comprehende!

Estavamos perfeitamente atordoados perante as explicações do notavel estadista e por isso limitámo-nos a um ligeiro signal affirmativo.

—Quanto aos conspiradores—continou o sr. dr. Antonio José—tambem a minha opinião é já conhecida. Uma ampla e rasgada amnistia para todos. A sociedade portugueza precisa de paz e ella não será um facto sem essa medida o ser tambem. A maioria d'esses desgraçados estão innocentes, e os que n'este caso não estiverem são unicamente delinquentes d'opinião. Abri-lhes portanto as portas das prisões é mais do que um dever d'humanidade, porque é um dever politico.

—Pensa portanto o sr. doutor, assim que fór governo, em decretar essa medida?

—Sem duvida. Unicamente esperarei a oportunidade, e eston certo que o parlamento que apoiar o meu governo não terá duvida em decretar uma amnistia que abraja os velhos paralyticos e os menores de 10 annos que estejam presos como conspiradores, únicos que a nossa generosidade pode attender, porque é preciso não olvidar que esses homens que combateram a republica são verdadeiros facinoras que necessitam um severo castigo. Se os deixassemos voltar já ao seio da sociedade...

—Mas ainda ha pouco a sua opinião...

—Oíça, meu amigo, oíça. Se os deixassemos voltar ao seio da nossa sociedade seriam um elemento da constante perturbação, e a paz no nosso paiz nunca seria um facto. E quando algum tiver sede deve dar-se-lhe agua-ráz; e se tiver fome, balas, como comida.

Como vê, a minha opinião é clara: a amnistia impõe-se, porque os conspiradores são homens como nós, e o que tem soffrido já chega para castigar o seu crime, aliás crime que nós republicanos tantas vezes praticámos. Sem esse acto amplo, que restitua á liberdade todos os portuguezes encarcerados, o paiz não terá tranquillidade. Quando S. Ex.^a terminou nem abrimos bico.

O sr. dr. Antonio José metteu a mão pela prateada cabelleira e um minuto depois proseguiu:

—Já lhe fallei n'estes dois pontos principais do meu plano governativo: religião e conspiradores. Agora resta-me só, n'um delineamento geral, dizer-lhe o que será o meu governo. Em duas palavras lhe resumo o que penso a esse respeito. O paiz é absolutamente tradicionalista. Negar esta verdade é uma tolice ridicula. Apoiar-me-lhe portanto nas forças conservadoras que representam a tradição.

E assim serei intrinsecamente radical, combatendo todas as velharias que os espiritos modernos não podem aceitar. Quanto á ordem, assegurada-lhe impondo pela força, se necessario fór, o espirito avançado das multidões. Seré enfim um governo moderado e absolutamente radical e revolucionario.

Maravilhados com o que acabavamos de ouvir, retirámo-nos, agradecendo ao sr. dr. Antonio José as suas preciosas declarações, que synthetisam claramente o pulso de estadista que é S. Ex.^a e a coherencia do seu prodigioso cerebro.

Quando iamos já na escada, o illustre chefe evolucionista recomendou-nos ainda, gritando lá de cima:

—Olhe, não se esqueça de pôr tambem que, graças a Deus, sou atheu, sim?

Cá fóra a impertinente chuva de molha tolos ameaçava continuar, o que nos fez vir até á redacção preoccupados com uma molha que por certo ia apanhar outra vez o nunca assaz bastante gabado director da *Republica* e chefe do partido aero-evolucionista.

INFELIZES

Noticia o *Mundo* que os habitantes de Almeida, depois de pagarem as contribuições, foram á repartição de fazenda cheios de contentamento dar vivas á republica!

Coitados! Os infelizes, com tamanho rombo na bolsa, até enlouqueceram!

CONFISSÃO ESPONTANEA

Do *Povo Lusitano* de domingo:
Quando João Franco quiz mandar os actuaes governantes para Timor, estes fizeram levantar o povo e assassinaram o chefe da nação. Registemos, pois, tão illucidativa declaração...



OS DOIS...

MARQUÊS DE POMBAL

Escreve-nos um leitor do *Diário de Notícias* para nos recordar que passa hoje mais um aniversário da morte de Sebastião José de Carvalho e Melo, 1.º marquês de Pombal, e envia-nos a seguinte nota das medidas com que o grande estadista teceu a grandiosa obra de restauração nacional:

Criação das companhias de Pernambuco e Parahyba, dos Vinhos do Alto Douro, da pesca da baleia, do atum no Algarve, etc.; reedificação de Lisboa; criação de faróis nas costas de Portugal; expulsão dos jesuítas; criação da aula de commercio; abertura de centenas de escolas primarias e secundarias; reorganização do exercito e da marinha; libertação dos escravos; reparação das praças de guerra; fomentação das fabricas de seda; reforma da Universidade de Coimbra criando o seu muséu de historia natural e o jardim botânico; supressão dos autos de fé; redução de casas conventuais; criação da Imprensa Nacional; fundação do Collegio dos Nobres; extinção do Tribunal da Inquisição; liberdade de testar; fundação do hospital de S. José; vulgarização da doutrina de que a fidalguia por nascimento nada é se não tiver merecimentos proprios.

O marquês de Pombal governou o paiz durante 27 anos, tendo subido ao poder com 31 anos de idade, e ao retirar-se, porque lhe faltou o apoio do rei que lhe soube apreciar os seus valiosissimos dozes de homem de Estado, deixou nos cofres publicos 78 milhões de cruzados ou seja o equivalente a 37.440 contos, devendo notar-se que nessa epoca a população de Portugal era apenas de cerca de dois milhões de habitantes e que não eram muitas as contribuições que sobre eles pesavam. A grande energia de acção que o levou ás maiores culminancias foi tambem a causa da sua queda, porque os seus adversarios, que eram muitos e poderosos, valendo-se da fraqueza da rainha que no trono succedera a seu pai, conseguiram finalmente o desforço que tanto ambicionavam.

Entre o povo portuguez, mesmo para aqueles para quem a historia patria é desconhecida ou quase desconhecida, o nome do marquês de Pombal resoa como sendo o de uma gloria nacional que tanto contribuiu, embora sejam discutíveis os seus actos governativos como discutível é tudo neste mandado, para o engrandecimento do nome portuguez no estrangeiro e para a prosperidade do trabalho e aumento da riqueza publica do paiz, que serviu com devotado patriotismo.

(Do *Diário de Notícias* de 8-5-913).

MARQUES DE POMBALINHO

Escreve-nos um leitor d'*O Thalassa* para nos recordar que passou no dia 8 do corrente mais um anniversario da morte d'esse *pygmeu*, que se chamou Sebastião José de Carvalho e Melo, o qual — diz o leitor — morreu a tempo de morte natural, aliás morreria agora roidinho d'inveja, por ver a sua obra excedida tão vantajosamente pelo *Marques de Pombalinho*.

PEDINDO BAIÁ

O pittoresco de S. Roque, referindo-se ao Mez de Maria na Encarnação, diz que ali concorrem as filhas das armadas em fidalgas. Por estas e por outras é que o nosso compadre Affonso diz que os jornalistas são muito estúpidos.

N'este caso ainda é favor; o verdadeiro seria pol-os a meia razão e baia cingida...

ESTAVA ARRANJADINHO

Como se sabe, a *disputa* do sr. João de Menezes com o sr. Manuel Alegre fez com que aquelle deputado tivesse um chiquillo. O que succederia se o sr. Menezes se travasse de raziões com algum de nome menos jovial, por exemplo, com o sr. *Leão Azevedo*?

Era capaz de não voltar mais a si...

A NOVA POLICIA

Lá para os bairros d'Alfama, manobrando com pericia, fez uma risga a policia, onde ganhou grande fama.

Nem se calcula o espanto que aquella gentinha tem, pois que nem sequer pensava (dizem ser obra d'encanto) que a «troupe» que ali levava era policia tambem.

Já se não deve estranhar aquillo que se tem visto de nota alegre e facetia: o governador Calixto poz em campo, a manobrar, Molta, marreco e ceguetá.

ATHOS.

E senão, vejam a seguinte nota das medidas com que o nosso grande fadista vai tecendo a monumental obra de restauração nacional:

Criação de companhias de guarda republicana; da pesca nas aguas turvas — feita pelos tubarões —; d'algum ultimo atum de qualquer parte; edificação monumental da feira de Santos, com licença de s. ex.ª e da intangivel; ereção (!) dos policias, substituindo os *pharces* da batotinha amena; expulsão dos *jasuitas* (aqui é que elle foi grande como burro); criação d'uma aula de muzica (pancadaria bravia em toda a thalassaria); encerramento de centenas d'escolas primarias e secundarias; reorganização do exercito e da marinha (!); libertação dos monarchicos em varias cadeias e Penitenciarías; reparação das prisões das praças de guerra para os mesmos gozarem a liberdade; fomentação da paciencia nacional; reforma da Universidade Biologica, criando um muséu de raridades e um jardim zoologico para os lados de S. Bento; extinção das casas conventuales, substituindo-as pelas cavernas do caco ou da femea d'este; criação — a hiberou — na Imprensa Nacional de varios *sympathicos* que já seccaram a teta á mãe; fundação das escolas sem Deus e sem religião; fundação dos tribunaes marciais; liberdade de levar lambada e de ser preso; alargamento dos hospitales como consequencia logica; vulgarização da doutrina de que quem não fór democratico ou pelo menos republicano é porque é thalassa, reaccionario, *jasuita* e portanto traidor á Patria.

O *Marques de Pombalinho* governa o paiz desde que a *Veneranda Reliquia* foi uma vez presidente do conselho de ministros, até que este deixou de ser, voltando novamente a governar quando o nunca assaz cantado e *lealissimo* ministro da monarchia Teixeira de Sousa assumiu a presidencia e... como diz a historia: dura em nossos dias. Se não lhe faltar o apoio do chefe evolutionista, porque com o do paiz pode elle contar, continuará enchendo os cofres publicos, onde já existem 37.440 historias sobre os heroes da Rotunda, o *coupé* 44 e a fidelidade monarchica do sr. Teixeira de Souza.

Note-se: isto n'um paiz que não paga contribuições.

A sua grande energia d'acção que o levou ás maiores culminancias, ha-de fazer o ainda subir, subir mais e depois, lá do alto, lembrar-se do mundo, como diz a quadra de Bocage...

Entre o povo portuguez, mesmo para aquellos para quem a historia patria é desconhecida ou quasi desconhecida, o nome do *Marques de Pombalinho* resoa como sendo o de uma gloria nacional, ainda que não sejam discutíveis os seus actos governativos, porque nem tudo é discutível n'este mundo, embora o seja no do Borges. Contribuiu e está contribuindo para o engrandecimento do nome portuguez no estrangeiro e para a prosperidade do trabalho e aumento da riqueza publica. Quem disser o contrario é porque é thalassa.

Ora pois...

(1) Perdeu-se o S. *Raphael*; venderam-se varios navios de guerra e adquiriu-se em segunda mão e com varias tombas o batelão de lodo *Veneranda Reliquia*.

A FUSÃO

Alvitra-se para ali uma fusão dos partidos unionista e democratico, n'um só grupo republicano.

A difficuldade parece estar na escolha do chefe e no baptismo, perdão, no registo civil do novo partido.

Ficaria chefiando o sr. Affonso? Chefiaria o sr. Brito? Passavam-se a chamar unio-democraticos? Ou democratico-unionistas?

O caso é bicudo, embora nos conste de fonte segura que o sr. Brito Camacho, depois d'uma longa conferencia que teve com o seu correligionario José de Magalhães, declarasse não se importar ser absorvido pelas hostes democraticas.

S. Ex.ª tem-se sacrificado muita vez e portanto não opporiam resistencia a qualquer invasão de affonistas, que é rapaziada valente.

THEATROS

Republica. — A grande artista Italia Vitaliani, que conta em Lisboa um sem numero de admiradores, apparece hoje n'este theatro, com a *Oddete*, de Sardou.

Gymnasio. — Torna á scena a applaudida peça de Mendonça Alves, *A Conspiradora*, em que Lucinda Simões tanto se distingue.

Trindade. — A epoca de inverno termina no fim d'este mez e por isso o *Querido Agostinho* poucas representações mais poderá dar. Será, naturalmente, a peça com que a empresa deverá inaugurar a futura epoca de inverno, como uma das que maior exito têm alcançado.

Apollo. — Hoje n'este theatro continua o grande successo da epoca, *O sonho durado*.

Avenida. — Estão-se realizando as ultimas representações da engraçada e applaudida revista *A'lerta*, que com os novos numeros constitue um dos mais attraentes espectaculos de Lisboa.

Colyseu dos Recreios. — Continua em pleno successo a grande companhia d'opera lyrica, que tem contado os espectaculos pelo numero d'enchentes.

ANIMATOGRAPHOS

Os melhores, mais chics e de melhores fitas

Olympia — Rua dos Condes.

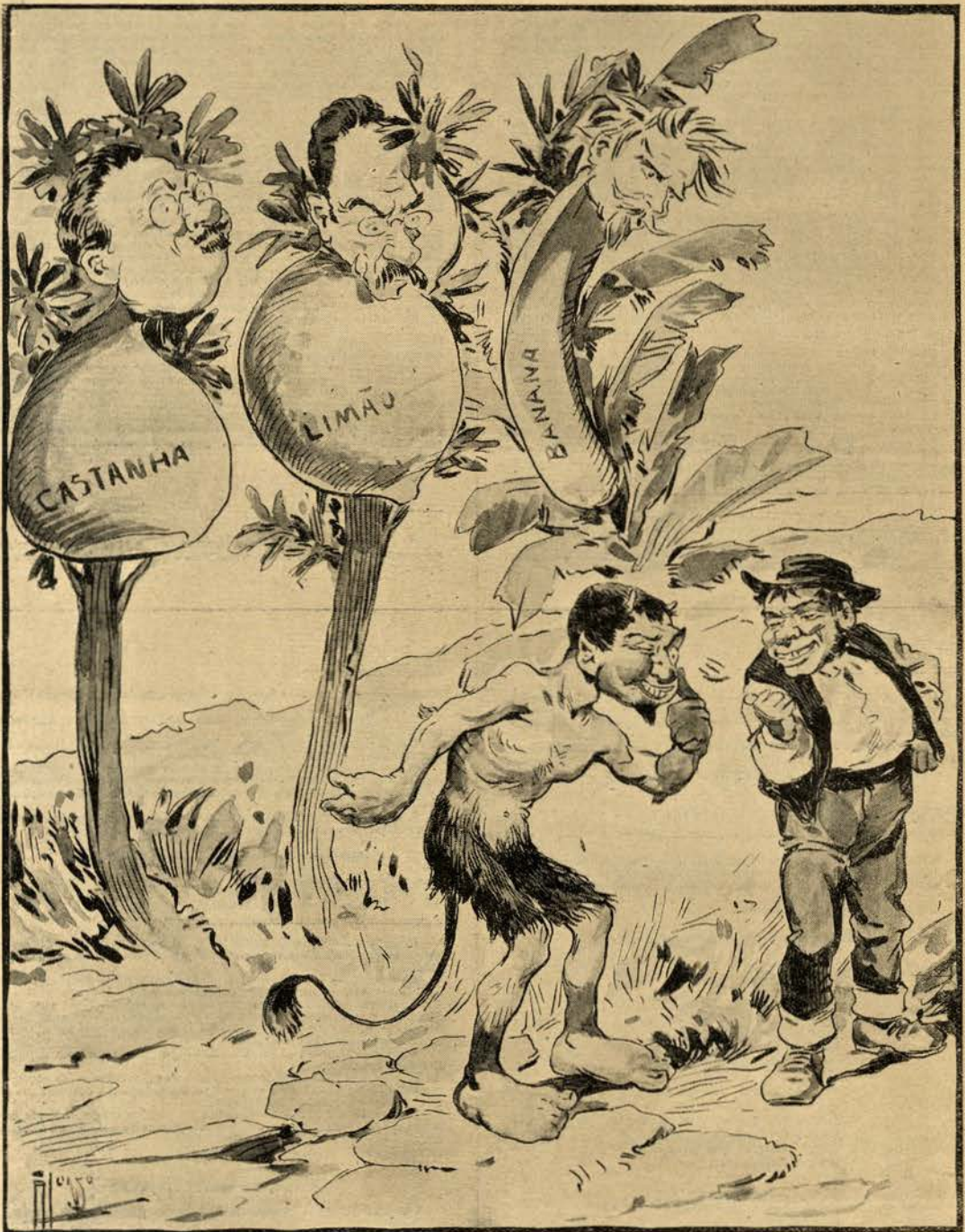
Trindade — Rua da Trindade.

Terrasse — Rua Antonio Maria Cardoso.

Central — Avenida da Liberdade.

Chantecler — P. dos Restauradores.

POMONA VERMELHA



Entre os trez o Diabo que escolha...